

FUTEBOL, GÊNERO, MASCULINIDADE E HOMOFOBIA: UM JOGO DENTRO DO JOGO

Gustavo Andrada Bandeira¹
Fernando Seffner²

Resumo: O futebol produz representações de gênero e sexualidade dentro de uma lógica fortemente heteronormativa, machista e homofóbica. Essa produção coloca em ação pedagogias do gênero e da sexualidade que permitem uma série de discursividades sobre o comportamento esperado dos atletas e dos torcedores de futebol, incluindo a possibilidade de manifestações legítimas de violência. Para esse artigo pretendemos discutir como essas construções foram problematizadas no ano de 2013 a partir de três diferentes discussões nas redes sociais: as torcidas *queer*, o selinho do jogador Emerson Sheik e a criação da torcida organizada Gaivotas Fiéis. Interessa-nos, também, destacar como a homofobia aparece legitimada quando vinculada as práticas do torcer.

Palavras-chave: Futebol; Masculinidades; Homofobia; Violência; Pedagogias do gênero e da sexualidade.

FOOTBALL, GENDER, MASCULINITY AND HOMOPHOBIA: A GAME WITHIN THE GAME

Abstract: Football produces representations of gender and sexuality within a heteronormative, sexist and homophobic logic. This production allows a series of discourses on the expected of athletes and football fans behavior, including the possibility of legitimate expressions of violence. For this article we intend to discuss how these buildings were problematized in 2013 from three different discussions on social networks: *queer* twisted, virginity player Emerson Sheik and the creation of organized supporters Seagulls faithful. We are interested also highlight how homophobia appears when legitimized the practices of linked twist.

Keywords: Football; Masculinities; Homophobia; Violence; Gender; Sexuality.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Aluno de doutorado no Programa de Pós-Graduação Educação (UFRGS). Técnico em assuntos educacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: gustavoabandeira@yahoo.com.br

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Associado da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: fernando.seffner@ufrgs.br

O esporte moderno é uma arena de construção de gênero. Nessa construção a masculinidade, como na ampla maioria das esferas da cultura, ocupa um lugar privilegiado. A masculinidade esportiva carrega uma série de exigências dos atores envolvidos, sejam eles atletas ou torcedores.

O futebol profissional no Brasil é masculino. Apenas os jogos e campeonatos jogados por homens possuem calendário fixo, apenas o futebol jogado por homens carrega grandes multidões, principalmente de homens, aos estádios. Mesmo que a participação das mulheres tenha aumentado significativamente nos últimos anos no país, podemos pensar que o ambiente dos estádios de futebol coloca muito mais valores do gênero masculino em disputa do que os do gênero feminino. O estádio de futebol é um contexto cultural específico que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades. Os modos de construção das masculinidades no Brasil guardam íntima conexão com o futebol, seja para adesão ao esporte, seja para sua negação, que implica em geral a construção de masculinidades subalternas. Arlei Damo radicaliza a importância do futebol na construção das identidades dos meninos no Brasil

(...) o futebol cumpre a mesma função significante do vestuário, especialmente para os brasileiros do gênero masculino. (...) Em um país que a rua é um espaço privilegiado na socialização dos meninos e que o futebol é uma das brincadeiras preferidas, desdenhá-lo equivale a andar nu. (2002, p. 11).

Os torcedores de futebol que frequentam os estádios são produzidos ao longo de diferentes jogos e situações. Os cânticos repetidos, performances executadas, emoções explicitadas são didaticamente empregados, produzindo uma lógica de atitudes fundamental para o tipo específico de fruição dos espetáculos futebolísticos nos estádios. Dentre os mais variados conteúdos que se ensinam, aprendem e disputam nos estádios de futebol a masculinidade possui preponderância. É importante frisar que a masculinidade vivida nesse contexto cultural específico possui algumas características particulares: ela é machista e homofóbica. Em muitos

momentos, essa homofobia é naturalizada e manifestações dessa ordem não são entendidas como violentas.

Nesse artigo pretendemos discutir como essa representação hegemônica dos estádios foi abalada, ou no mínimo provocada, a partir de três experiências distintas ocorridas no ano de 2013: o aparecimento das torcidas *queer* nas redes sociais, o selinho do jogador Emerson Sheik, também postado via redes sociais, e na criação da torcida organizada Gaiotas Fiéis. O objetivo deste trabalho é verificar como a heteronormatividade foi problematizada tanto pelos atores que propuseram essas experiências quanto por torcedores “tradicionais” que reagiram a essa “transgressão” de gênero e sexualidade nesse contexto específico. Para atingir essas proposições, o artigo está dividido em seis partes. Após essa introdução apresentamos uma breve discussão sobre os conceitos de gênero e sexualidade. Em um terceiro momento, discutimos as relações imanentes entre futebol e masculinidade. No quarto tópico introduzimos os eventos ocorridos durante o ano de 2013 e algumas de suas discussões. Após essa apresentação procuramos relacionar futebol, masculinidade e violência problematizando alguns conceitos que permitem, inclusive, que algumas violências sejam legitimadas ou desconsideradas como violência nesse contexto. Por fim, encerramos com mais questionamentos e dúvidas do que afirmações conclusivas.

Um breve suporte conceitual: gênero e sexualidade

As masculinidades são construções culturais. É na cultura que os indivíduos são produzidos como sujeitos de gênero e é a partir do conceito de gênero que nos permitimos pensar nas construções de masculinidades atravessadas pelo futebol no Brasil. Gênero é um elemento definidor de inteligibilidade em nossa cultura, “não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero” (BUTLER, 2003, p. 27). O conceito de “gênero funciona como um organizador social e da cultura (...) e, assim, engloba todos os processos pelos quais a cultura

constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos” (MEYER, 2012, p. 51).

Trabalhamos com o conceito de gênero ancorado nos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e nos Estudos Culturais (LOURO, 2004, MEYER, 2003, SCOTT, 1995). Nessa perspectiva, gênero não pode ser reduzido a qualquer aspecto essencialista, seja ele biológico ou cultural. O conceito destaca a permanente construção dos sujeitos de gênero. Essas construções não são um processo linear ou evolutivo de causa e efeito. Aprendemos durante toda a vida em diferentes instituições e artefatos culturais formas adequadas de “exercer³” um gênero. Existe uma diversidade de masculinidades e feminilidades que variam em diferentes tempos e espaços e dentro de uma mesma cultura. O conceito de gênero nos mostra, também, como as diferentes instituições sociais são produzidas por pressupostos de gênero ao mesmo tempo em que participam nas produções de gênero.

A associação dos gêneros com as instituições sociais pode ser vista, por exemplo, na associação entre esporte, nesse caso específico o futebol, e as construções de masculinidades. Ao aprender a jogar ou torcer não se aprende apenas como executar essas práticas da melhor forma possível, mas se ingressa em uma instituição repleta de significados. Mesmo que “una pequeña minoría llegará a ser parte del mundo del deporte profesional, la producción de la masculinidad en el mundo deportivo se caracteriza por una estructura institucional competitiva y jerárquica” (CONNELL, 2003, p. 59). Os efeitos da produção de masculinidades no futebol fazem sentir seus efeitos para muito além dos sujeitos diretamente envolvidos nesta prática.

O conceito de gênero ganha potência quando analisado em conjunto com outros atravessamentos identitários como classe social, etnia, geração, nacionalidade... e, principalmente, a sexualidade. A sexualidade é um dispositivo histórico. Ela não é somente individual, mas se define no espaço social, é disputada na cultura e se relaciona com os entendimentos sobre os usos e prazeres corporais (LOURO, 2004). Em nossa cultura, a sexualidade

³ “(...) o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra (...) não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é *performativamente* constituída” (BUTLER, 2003, p. 48).

aparece como um elemento sem o qual a construção da identidade parece estar em falta. A sexualidade faz parte dos sujeitos, não é algo que seja possível se “despir” (Ibidem).

Nas representações tradicionais ou conservadoras, essa sexualidade deve ser a hetero em um modelo que vincula corpo biológico (sexo) ao gênero e esse ao desejo sexual pelo sexo oposto. A heterossexualidade aparece como desejável hegemonicamente tanto para homens como para mulheres. Da mesma forma, a rejeição a homossexualidade aparece com força em nossa cultura heteronormativa para ambos os gêneros. Porém, esperam-se atitudes distintas de homens e mulheres⁴. A homofobia, no caso masculino, aparece como um imperativo. Além de negar qualquer possibilidade de lembrar alguma característica feminina, os garotos não devem deixar nenhuma suspeita de que possam sentir atração por alguém do mesmo sexo⁵.

Nas construções de masculinidades, existe uma preocupação com o grau de intimidade possível nas relações entre homens. Uma das formas mais importantes do afastamento das intimidades pode ser vista nas manifestações homofóbicas. “A homofobia funciona como mais um importante obstáculo à expressão de intimidade entre homens. É preciso ser cauteloso e manter a camaradagem dentro de seus limites, empregando apenas gestos e comportamentos autorizados para o ‘macho’” (LOURO, 2001, p. 28). Nem tudo é permitido em relacionamentos entre homens. É preciso saber onde está a fronteira para que não se corra o risco de ultrapassá-la.

⁴ A rejeição da homossexualidade “se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia. Esse sentimento, experimentado por mulheres e homens, parece ser mais fortemente incutido na produção da identidade masculina” (LOURO, 2001, p. 27).

⁵ “Parece necessário exorcizar, de algum modo, qualquer sugestão ou indício de atração por alguém do mesmo sexo. A suspeita desse desejo entre meninos e homens é especialmente assustadora. A masculinidade hegemônica constrói-se não apenas em contraposição à feminilidade, mas também em oposição a outras formas de masculinidade. Tornar-se masculino pode implicar na combinação de uma heterossexualidade compulsória associada à homofobia e à misoginia. Os corpos dos garotos devem proclamar sua rejeição a qualquer traço de homossexualidade. Seus corpos também não podem sugerir nada de feminino” (LOURO, 2000, p. 70).

Futebol e a construção de masculinidades

Na perspectiva teórica que esse trabalho se ancora ser homem ou masculino não é uma essência, mas uma performatividade⁶ que diferencia os sujeitos de gênero. Sabe-se que não existem quaisquer características que possam ser tomadas como masculinas desde os primórdios até todo o sempre. “Os perigos a serem evitados por aquele que deseja transformar-se em *‘verdadeiro homem’*, eventualmente num *‘homem macho’*, não se apresentam num único momento da vida, mas estão presentes a todo instante, exigindo atenção constante” (SEFFNER, 2003, p. 132, destaques do autor). Michael Kimmel, em sua definição sobre a masculinidade como uma construção, destaca quatro aspectos dessa:

(...) masculinidades (1) variam de cultura a cultura, (2) variam em qualquer cultura no transcorrer de um certo período de tempo, (3) variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade e (4) variam no decorrer da vida de qualquer homem individual (1998, p. 105).

A masculinidade pode aparecer como um valor positivo dos jogadores de futebol. Além de habilidades do jogo, se exige que os atletas apresentem outras qualificações: “os atributos técnicos tornaram-se tão importantes quanto valores como coragem, destemor, ousadia, masculinidade, honra e assim por diante” (DAMO, 2002, p. 32). A masculinidade, nesse contexto, não seria a junção de características historicamente atribuídas ao masculino. Ela pode ser lida como mais um atributo. É importante ser corajoso e masculino, destemido e masculino, ousado e masculino, honrado e masculino. No futebol a masculinidade é uma característica sempre importante e desejável para os jogadores. “Además de virtuosismo con la pelota, los hinchas exigían entrega, corazón, guapeza, virilidad y coraje” (FRYDEBERG, 2011, p. 233). Por analogia, podemos

⁶ Ao invés de entender a identidade como descrição, o conceito de performatividade a entende como um “tornar-se”. Um enunciado performativo faz acontecer. A partir de uma performance repetida, é possível ler o gênero como um ato, como uma re-experimentação de significados.

entender que a masculinidade também é positivada nas construções dos sujeitos torcedores.

Pensamos no adjetivo “hegemônico” para nos referir à representação de masculinidade que goza de maior *status* de legitimação em diferentes instâncias culturais⁷. A construção dessa masculinidade acontece ao mesmo tempo em que se constroem diversas outras masculinidades e/ou feminilidades. O adjetivo hegemônico permite, também, demonstrar a presença de masculinidades que são merecedoras de outros adjetivos. Masculinidades não-hegemônicas que poderão ser colocadas como desviantes ou marginais. A representação de masculinidade hegemônica em um dado contexto cultural pode ser pensada como um parâmetro que subordina as demais representações de masculinidades.

O futebol é uma importante instituição masculina. Ele é produzido por pressupostos de masculinidade ao mesmo tempo em que participa da produção, circulação e hierarquização de diferentes possibilidades de masculinidades. Pelos aspectos de competição, violência e combate (considerados atributos de masculinidade) os esportes constituem-se como um local privilegiado para a construção de masculinidades específicas (CECCHETTO, 2004). Nessa masculinidade específica, assim como nas demais construções tradicionais, a virilidade aparece como um valor muito caro hierarquizando os homens entre si. “Virilidade, proezas e outros atributos másculos demarcam um dos maiores eixos através do qual os homens se situam e classificam outros homens” (Idem, p. 79). Eduardo Archetti (2003) comenta que força, agressividade e estoicismo são recorrentes nas definições de masculinidades viris.

É bastante comum na construção identitária de macho viril utilizar como referência, como fronteira constantemente vigiada e que nunca deve ser ultrapassada, a construção do personagem antagônico fazendo com que esse seja depositário do que de ruim poderia ser atribuído a um grupo identitário. O que eu sou depende do que não sou. Em investigação anterior, foi possível observar a rivalidade dos principais clubes de futebol de Porto

⁷ Como dito na definição do conceito de gênero, essa masculinidade hegemônica não é uma essência e varia em diferentes culturas e dentro de uma mesma cultura.

Alegre, Grêmio e Internacional. No caso das torcidas da Dupla Grê-Nal, a alteridade está posta na torcida adversária, carregando em suas representações um comportamento masculino inadequado (BANDEIRA, 2009). “El fútbol es un mundo organizado de manera polar. De un lado están los machos y del outro los no-machos. (...). Los no-machos son aquellos que no son adultos – ‘hijos nuestros’ – o son homosexuales, ‘putos’ para la jerga de tribuna” (ALABARCES, 2012, p. 76).

Os estádios de futebol se constituíram, historicamente, como um espaço legitimado para os homens e, também, num espaço de construção da masculinidade. Atributos de uma masculinidade hegemônica, como a intensidade sexual, podem ser observados em diferentes cânticos das torcidas. Neles as práticas sexuais são locais privilegiados nas hierarquizações entre homens. O cântico “*Atirei o pau no Inter (Grêmio)/ E mandei tomar no cú/ Macacada (Gremista) filha da puta/ Chupa rola e dá o cú/ Ei, Inter (Grêmio), vai tomar no cú/ Olê, Grêmio (Inter), olê Grêmio (Inter)*” é cantado tanto pela torcida do Internacional como do Grêmio (BANDEIRA, 2009). Esse é um dos cânticos que consegue maior unidade nos dois estádios. O colorado ou o gremista representado como inferior é associado à prática da felação e a posição de penetrado em uma prática de sexo anal. Essas práticas sexuais cantadas apontam que apenas os sujeitos que ocupam a posição de passividade no ato homoerótico teriam sua masculinidade em “risco”. Práticas sexuais aparecem como mais perigosas que identidades sexuais na construção de uma masculinidade desejável nesse contexto. “Son ‘machos’ que afirman su masculinidade manteniendo relaciones homosexuales, es decir, simbólicas. Aunque sí, siempre activos. Los traseros propios quedan a salvo” (ALABARCES, 2012, p. 76). A participação como ativo em uma relação sexual, mesmo que com outro homem, parece não diminuir a virilidade ou a masculinidade dos sujeitos.

Masculinidades em jogo: torcidas queer, selinho do Emerson Sheik e Gaivotas Fiéis

A partir de um dos desdobramentos do conceito de gênero, na perspectiva pós-estruturalista, que aponta que as instituições sociais são atravessadas por pressupostos de masculinidade e feminilidade, podemos pensar no esporte como uma dessas instituições de nossa cultura bastante atravessada por pressupostos e produção de significados relativos aos gêneros.

O esporte unificou um conjunto de valores como força, potência, velocidade, vigor físico, busca de limites, características valorizadas na sociedade e historicamente associadas à imagem da masculinidade (...), fazendo com que o comportamento esportivo seja definido como um papel do gênero masculino (DEVIDE, 2005, p. 42).

Do mesmo modo que os atletas, os demais envolvidos nos espetáculos esportivos também atuam na construção de modos adequados de performances de gênero, especialmente, do gênero masculino. “(...) el hincha mostró desde principios del siglo XX una clara tendencia a devenir de espectador – o actor secundario – en protagonista – o primer actor, compitiendo con quienes estaban dentro de la cancha” (FRYDENBERG, 2011, p. 230).

Dentro dos estádios, os torcedores utilizam os palavrões como moeda corrente. O palavrão possui diversas funções, podendo ser utilizado para agredir ou para demonstrar afetos. Nos estádios existe “uma estética da honra, da alteridade e da masculinidade” (DAMO, 2005, p. 104). Os palavrões e os xingamentos podem acontecer entre torcedores de clubes distintos ou entre torcedores e qualquer outro agente do espetáculo como os árbitros, jogadores, policiais... O jogo de futebol possui códigos particulares que permitem que diferentes ações executadas nesse local não sofram os mesmos interditos de outros espaços do cotidiano, “las hinchadas poseen un modelo corporal masculino distinto de lo recomendado socialmente” (ALABARCES, 2012, p. 74).

A participação dos torcedores nos estádios é uma espécie de código entre esses sujeitos. Mesmo que não exista homogeneidade no torcer,

algumas atitudes de inserção no espetáculo podem ser pensadas com uma espécie de condição de inteligibilidade dos torcedores. Dentro do processo de construção da identidade de uma determinada torcida, um dos critérios de inteligibilidade é a construção de seu personagem antagônico, o seu diferente, o rival. Diferença e identidade são produzidas dentro de um mesmo processo cultural. Nesse processo, ao construir e afirmar sua identidade as torcidas criam, também, sua negação na figura do torcedor adversário. Os sujeitos que se inscrevem em torcidas diferentes podem apresentar características muito próximas nos demais aspectos da vida e dentro da própria atividade de torcer. A diferença de clube não é suficiente para dizer que os sujeitos não possuam um mesmo código ético e estético. Apesar dessa semelhança, o rival não é irrelevante, pois ele serve para destacar o limite e a fronteira da identidade de uma torcida.

O comportamento dos torcedores nos estádios de futebol não é natural. Os indivíduos são inseridos em uma série de narrativas e práticas que produzem as formas de expressão permitidas e mesmo as emoções adequadas nesse espaço cultural. As manifestações públicas das emoções, como as que acontecem nas praças esportivas, não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos. Elas estão inseridas dentro de um contexto simbólico que limitará o número de ações possíveis para aqueles que pretendem identificar-se com determinados grupos identitários.

Tentando ampliar o número de ações possíveis, e também, eventualmente, limitar algumas dessas ações (especialmente as machistas e homofóbicas), torcedores de diversos clubes brasileiros, iniciaram um movimento nas redes sociais defendendo a tolerância de gênero, mas, principalmente de identidades sexuais não heteronormativas nos estádios de futebol no Brasil. O movimento foi iniciado na rede social *Facebook* por uma torcedora do Atlético-MG que criou a *fanpage* Galo Queer. Após uma temporada no exterior ela disse ter ficado “muito incomodada com os gritos homofóbicos da torcida e o fato de parecerem mais importantes que o hino do clube” (FELLET, 2013). “A homofobia é tratada com naturalidade nos

estádios. Nós nos unimos para mudar essa visão’, diz a cientista social idealizadora da página” (PIRES, 2013). Dentro desse campo de disputas por significados existiu uma percepção positiva em relação ao conteúdo publicado e o aparecimento das demais torcidas⁸. Ao mesmo tempo, porém, existiram algumas manifestações bastante agressivas, além de acusações de que o material teria sido criado por torcedores dos clubes rivais.

Mais do que a criação de torcidas vinculadas a uma determinada identidade sexual, o objetivo dessas manifestações era combater o preconceito nos estádios de futebol. Segundo os administradores dos perfis das torcidas gaúchas “a ideia não é criar torcidas de homossexuais e, sim, promover o fim da intolerância à diversidade sexual” (BAIBICH, 2013a). Os integrantes desses grupos acabaram encontrando resistências e ameaças já nas redes sociais. “Os criadores e administradores dos espaços virtuais de Inter e Grêmio receberam ameaças de agressão de torcedores. Se fossem aos estádios, juravam os homofóbicos, seriam hostilizados” (Ibidem).

Além da homofobia, os torcedores e torcedoras têm aproveitado o espaço das redes sociais para reclamarem da violência dirigida as mulheres. “Uma das administradoras da página Grêmio Queer, a socióloga Kátia Azambuja, de 25 anos, enumera as agressões sofridas por mulheres que vão ao estádio: ‘Para ir ao banheiro, sempre rola uma passada de mão, um puxão no cabelo, alguém que fala uma gracinha’” (FELLETT, 2013). O criador do grupo Bahia EC Livre reclamava da necessidade de cuidar de seu comportamento nos estádios. “Quero assistir aos jogos no estádio, quero participar, mas tenho que ficar como um agente duplo: ao mesmo tempo que estou ali, ninguém pode saber que sou gay” (Ibidem). Jornalista, militante e torcedor do Palmeiras, William de Lucca, entende que o “estádio é um ambiente super homofóbico. Lá não se vê nenhuma manifestação de diversidade afetiva” (BARROS; AFIUNE, 2013). O torcedor e seu namorado, também palmeirense, foram aconselhados por amigos a não realizarem

⁸ Além da Galo Queer (Atlético Mineiro), existem no *Facebook* as torcidas Furacão – Sem Homofobia (Atlético Paranaense), EC Bahia Livre (Bahia), Coxa – Sem Homofobia (Coritiba), Cruzeiro Livre (Cruzeiro), Grêmio Queer (Grêmio), Queerlorado (Internacional), Timbu Queer (Náutico), Palmeiras Livre (Palmeiras), Bambi Tricolor (São Paulo) e Vitória Livre (Vitória)

demonstrações de afeto dentro dos estádios (Ibidem). Ele acredita que “o estádio de futebol é mais hostil do que a própria rua (...). A homofobia é muito mais explícita” (Ibidem).

Uma das dúvidas existentes em relação a essas torcidas se dá no processo de entrada delas nos estádios ou sua ampliação para além das redes sociais. Os diferentes grupos das torcidas *queer* “são repelidos por organizadas. ‘Essa torcida não existe, chapa! Não significa nada para nós’, afirma um diretor da Independente sobre a página são-paulina [Bambi Tricolor]” (PIRES, 2013). “Al negar la alteridade afirman una homogeneidad inexistente que silencia violentamente las experiencias diferentes” (ZUCAL, 2005, p. 70). O desejo de estar no estádio existe, mas ainda não há uma previsão de quando isso acontecerá. “‘Há muita vontade de exibir mensagens afirmativas à causa LGBT no estádio, mas ainda não nos sentimos seguros’, diz Aline, mentora da Bambi Tricolor” (PIRES, 2013). Os torcedores da Palmeiras Livre informam que sofrem ameaças diárias.

Os integrantes querem ocupar as arquibancadas, mas temem agressões físicas, já que as verbais ocorrem diariamente. “Dia sim e outro também nós recebemos ameaças”, conta a fotógrafa e analista de mídias sociais Thaís Nozue, também integrante da Palmeiras Livre. “As pessoas vem ameaçando, dizendo que estão mexendo com o time errado, que eles vão descobrir quem é, que não sei o quê” (BARROS; AFIUNE, 2013).

É interessante verificar que as atitudes homofóbicas não são assim percebidas pelos torcedores que as praticam. Naturalizadas dentro do cenário futebolístico brasileiro, os gritos homofóbicos não são noticiados, não parecem possuir valores notícia, não fogem do ordinário.

Ex-dirigentes de São Paulo e Corinthians acreditam que o ambiente do futebol é bastante machista e que os clubes possuem pouca margem de ação. Marco Aurélio Cunha, ex-vice-presidente de futebol do São Paulo associa a homofobia com uma das vertentes de violência no futebol. Ele acredita que os clubes evitam enfrentar essas situações, especialmente as que envolvem torcedores organizados. “Com medo de mexer em vespeiro,

o clube fica oprimido, e o silêncio de todos é que cria a rede de novos conflitos que vão se dividindo em alvos específicos” (FELLET, 2013). Antonio Roque Citadini, ex-vice-presidente do Corinthians, acredita que o ambiente futebolístico é muito conservador, o que impossibilita atletas de assumirem uma condição de sexualidade não normativa. Segundo ele, a “igreja vai admitir (gays), o Exército, mas o futebol será o último” (Ibidem).

Após seu time vencer o Coritiba por 1 a 0 pela 15ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2013, o jogador Emerson Sheik, do Corinthians, postou na rede social *Instagram* uma fotografia em que dava um “selinho” em seu sócio e amigo Isaac Azar. Foi o início de uma polêmica que acompanhou o atleta pelo resto da temporada. O jogador foi duramente criticado por torcedores do Corinthians e virou motivo de chacota para os torcedores rivais.

A atitude do atleta acabou propondo uma discussão sobre sexualidade, gênero e homofobia nos estádios de futebol. “O toque de lábios (...) do atacante Emerson Sheik com seu amigo, em São Paulo, virou bandeira da aceitação dos homossexuais no esporte e escancarou uma dura realidade: falta muito para a diversidade sexual ser tratada com naturalidade” (BAIBICH, 2013b). A discussão, porém, acabou gerando uma pequena margem de apoio a manifestação do atleta. A publicação da notícia recebeu diferentes interpretações do público na *Internet*. Dentre elas, “as manifestações de apoio ao gesto foram raras (...). De resto, um desfile de preconceito. Os homofóbicos se dividiram entre xingamentos impublicáveis e argumentos contra o que consideram uma onda de ‘propaganda gay’” (Ibidem).

O jogador tentou argumentar (ou se defender) afirmando que a imagem não possuía vínculo algum com o clube. “Acho que o mundo do futebol é muito machista. Quero deixar claro que em nenhum momento desrespeitei alguém. Lá era o Emerson pessoa. (...). Acho que é um preconceito babaca” (SAKAMOTO, 2013). A necessidade de desvincular seu

ato individual da relação de atleta do clube pode ser lida como mais uma demonstração de como a relação de gênero e sexualidade institucionalizada nas práticas esportivas, especialmente a do futebol no Brasil, possibilitam uma margem muito pequena para as vivências de desejos e prazeres corporais. Apesar de considerar o preconceito babaca o atacante “fez questão de afirmar sua heterossexualidade ao convidar seus seguidores no Instagram a checarem todo o perfil” (BAIBICH, 2013b), o que permite problematizar como a sexualidade precisa ser provada e, com a popularização das redes sociais, compartilhada publicamente.

Integrantes de uma torcida organizada foram cobrar explicações do atleta, herói do título inédito do Corinthians na Libertadores em 2012. O diretor da Camisa 12 argumentava que a bitoquinha do jogador feria a ética da “coritiologia” (PIRES, 2013). O “protesto” contra o toque de lábios do atleta possuía as faixas “‘Viado (sic) não’ e ‘Aqui é lugar de homem’” (Ibidem). Mesmo que, segundo seu diretor, a torcida não seja homofóbica, “a organizada não aceita gays defendendo as cores alvinegras. ‘Corinthians é o time do povo, não de veado’” (Ibidem). Os manifestantes concluíram (ou ameaçaram): “A gente não quer ser homofóbico, mas tem de ter respeito com a camisa do Corinthians. Aqui não vai ficar beijando homem. Hoje são 5, amanhã são 50 e depois 500. Vamos fazer a vida dele um inferno” (SAKAMOTO, 2013). Essa separação entre dois tipos de sujeito, o “veado” ou “viado” e os outros impede qualquer tipo de diálogo ou de aproximação, acaba marcando definitivamente os sujeitos por uma determinada prática, “el marco binario presupone conocer todo lo que se necesita saber antes de cualquier investigación real” (BUTLER, 2010, p. 200).

O beijo do jogador do Corinthians acabou relembrando o caso do jogador Richarlyson que foi “acusado” de ser homossexual pelo ex-diretor do Palmeiras, José Cirillo Jr. na década passada. O jogador denunciou o dirigente por preconceito, mas teve seu caso arquivado. O juiz Manoel Maximiliano Junqueira Filho “sugeriu que se o jogador fosse homossexual, ‘melhor seria que abandonasse os gramados’” (SAKAMOTO, 2013). Não satisfeito, o magistrado argumentou que “jamais conceberia um ídolo ser

homossexual” (Ibidem). Ele ainda finalizou reforçando a distinção que deveria existir entre atletas de diferentes identidades sexuais. “Não que um homossexual não possa jogar bola. Pois que jogue, querendo. Mas forme seu time e inicie uma Federação” (Ibidem). Um integrante da torcida organizada Independente, do São Paulo, afirmava com orgulho. “Nós mandamos o Richarlyson embora” (PIRES, 2013). Segundo o torcedor, “ele [Richarlyson] manchava a imagem da instituição.” (Ibidem). Mesmo tendo defendido Richarlyson no processo, em 2007, “o presidente do Sindicato dos Atletas Profissionais de São Paulo, Rinaldo Martorelli, também faz ressalvas. ‘Não aconselharia nenhum jogador a se assumir. É algo que traria muito desgaste à carreira’, diz” (Ibidem). Em 2012, o Palmeiras estudava a contratação do jogador, que, assim como Emerson Sheik, nega com veemência ser homossexual. Uma das faixas de protesto da torcida contra essa contratação dizia: “A homofobia veste verde” (BARROS; AFIUNE, 2013). Um integrante da Mancha Verde (principal torcida organizada do clube) negava o envolvimento da torcida na produção do material ao mesmo tempo em que dizia que “não via nada de agressivo na faixa” (Ibidem).

Ainda no segundo semestre de 2013, o jornalista Felipeh Campos fundou a torcida organizada *Gaivotas Fiéis*. Segundo ele, a procura de pessoas querendo aderir à torcida ultrapassava o número de 500 mil, muito em função de campanhas feitas junto a associações LGBT (TERRA, 2013). O jornalista afirma que pretende colocar sua torcida nos estádios, inclusive cobrando o apoio do Ministro dos Esportes, Aldo Rebelo e do presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), José Maria Marin. (Ibidem). Curiosamente, um dos argumentos para legitimar seu espaço nas arquibancadas parece trabalhar com alguns conceitos fixos de gênero e sexualidade. “Há dois anos eu sou frequentador de estádio, entendo mais de futebol do que homem” (VALLE, 2013). Além da exclusão do “mundo dos homens” pela identidade sexual desviante, o torcedor reforça com a

comparação a naturalização do espaço do futebol como um ambiente legitimamente masculino.

O jornalista acredita que o ambiente do futebol favorece práticas homoeróticas, “existe coisa mais gay que um estádio? São 60 000 mil homens suando, se abraçando, olhando outros 22 de shortinhos correndo. Isso é uma manifestação homossexual” (OLIVEIRA, 2013a). A antropóloga Elaine Silveira entende que “há um homoerotismo forte e inconsciente nos esportes de equipe como futebol ou rúgbi” (1999, p. 61). Acreditamos que essas definições podem ser um pouco apressadas. Entender algumas demonstrações de afetos masculinos como homoerotismo é, talvez, uma tendência da análise que, na maioria das vezes, parte de perspectivas feministas (assim como a nossa) bastante atravessadas por estudos de gays e de lésbicas. O contato físico entre homens não é necessariamente homoerótico, ou mesmo tendo algum grau de erotismo, não necessariamente implica a construção de uma identidade homossexual.

Apesar de o jornalista acreditar que estava criando a primeira torcida homossexual do mundo (VALLE, 2013), na Europa essas associações já estão atuando. Tanto é que a criação da torcida corintiana foi saudada pela torcida LGBT do Arsenal, da Inglaterra, a *Gay Gooners*. O fundador Stewart Selby menciona o apoio do clube que desenvolve um programa de inclusão há cinco anos para atacar os preconceitos sexuais e raciais (BORGES, 2013). Além do Arsenal, Liverpool na Inglaterra e Borussia Dortmund na Alemanha também possuem torcidas LGBT. A relação institucional com os clubes parece ser bastante distinta da vivida pela Gaivotas Fiéis. “Os dirigentes do Corinthians não deram apoio oficial. As torcidas uniformizadas também não falam. A Gaviões da Fiel entrou na justiça com uma ação por plágio, porque considera que os símbolos da Gaivotas são copiados da organizada” (Ibidem). Conforme o advogado da torcida, “a Gaviões não está contra a sociedade gay, apenas não concorda com a utilização de sua marca de forma não autorizada” (R7, 2013).

No Brasil, a iniciativa também não é inédita. Na década de 1970, Flamengo e Grêmio tiveram suas torcidas dentro dos estádios. “Coligay e

Flagay invadiram as arquibancadas para tornarem-se as primeiras torcidas organizadas de homossexuais do país” (PIRES, 2013). A torcida gremista foi fundada por Volmar Santos, dono de uma boate gay em Porto Alegre, a Coliseu. O fundador da Coligay alega que “muitos jogadores frequentavam a boate escondidos” (Ibidem). Os integrantes da torcida praticavam caratê para se defenderem. A estratégia, segundo Volmar, deu resultado. “Só uma vez nos atiraram pedra no estádio. Tchê, a bicharada partiu para cima do cara e botou pra correr” (Ibidem).

Assim como os integrantes das torcidas *queer* nas redes sociais, o fundador da Gaivotas Fiéis sofre constante ameaças. “Falaram que vão me matar, recebi ameaça de tudo que foi lado (...). O Vampeta [ex-jogador do Corinthians], por exemplo, disse que vou ter problemas” (OLIVEIRA, 2013a). Essas ameaças, segundo o jornalista, não se restringem aos ambientes virtuais. Ele alega ter sofrido um “esbarrão” e ameaças na Avenida Paulista, em São Paulo, de um torcedor que o ameaçou. “Aí mano. Vai ficar pequeno para você, quero ver se você vai entrar no estádio com a sua torcida. Aqui é Corinthians. Vou te pegar, vou te pegar” (OLIVEIRA, 2013b).

Nos estádios, os cânticos homofóbicos são corriqueiros e naturalizados. Esses cânticos permitem visualizar os entendimentos que as torcidas possuem sobre masculinidade, sexualidade, futebol, “los hinchas, a través de cânticos y prácticas hacen pública su concepción en los estádios de fútbol” (ZUCAL, 2005, p. 67). Algumas torcidas fazem uma série de restrições para o ingresso de novos integrantes. O diretor da Máfia Azul, maior torcida organizada do Cruzeiro, cita algumas das exigências aos novos associados: “Não pode ter brinco, pulseirinha, gelzinho. É cabelo raspado, só” (PIRES, 2013). O diretor da torcida também é contra a contratação de atletas homossexuais pelo clube. De forma bastante explícita, ele define: “O cara que dá a bunda pra outro homem não representa nossa torcida.” (PIRES, 2013). Singularizar essas manifestações em torcedores individuais ou mesmo nas torcidas organizadas parece ser pouco produtivo, uma vez que “nuestro afecto nunca es solamente nuestro: desde el principio el afecto nos viene comunicado desde otra parte” (BUTLER, 2010, p. 79).

A homofobia autorizada nos estádios de futebol

A violência é um dos temas mais polêmicos e recorrentes na mídia sobre futebol. As eventuais agressões entre atletas de equipes distintas são alvo de diferentes interpretações. O que alguns poderão chamar de violência outros poderão ler como parte do jogo. Ser agredido e não revidar também é uma opção acertada por parte dos atletas segundo as falas mais comuns. Na imensa maioria dos casos, a única violência que entra em pauta sem ser problematizada são os confrontos físicos entre torcedores. Para esses atores são dispensadas sugestões de punições exemplares, além do enquadramento desses indivíduos envolvidos em atitudes violentas como criminosos. O próprio poder público designa um número importante de policiais militares para os espetáculos esportivos nos estádios. Esses eventos, na maioria dos casos, são promovidos pela iniciativa privada. A presença bastante equipada (cassetetes, bombas de efeito moral, balas de borracha, cavalos e cães) dos policiais produz um cenário belicoso, onde os confrontos físicos parecem estar sempre “potencialmente” presentes (TOLEDO, 1996). No contexto futebolístico a violência a ser enfrentada é sempre a que envolve enfrentamentos físicos.

Diferentes manifestações de violência podem ser entendidas como uma característica importante e desejável em algumas representações de masculinidades. Ela pode também aparecer como uma forma de socialização entre grupos de homens. A coletividade pode auxiliar ou incentivar as demonstrações violentas. “Homens sozinhos, sem outras pessoas para apoiá-los, nunca tiveram poder suficiente para usar da violência com sucesso” (ARENDR, 2009, p. 68). Na representação de algumas figuras como o guerreiro ou o soldado, de fácil identificação masculina, a violência frequentemente está presente.

Algumas interpretações apontam que a competitividade e a popularização auxiliaram no ingresso da violência nos diferentes campos futebolísticos. A alteração do perfil dos jogadores e torcedores de elite do

início do século XX⁹ trouxe consigo alguns termos como “povo”, “homens”, “palavrões”, “ameaças”, “agressões” e “hostilidades”. Esses novos ingredientes se confundiram para desvalorizar os estádios de futebol e pensá-los como perigosos. Dentro dessa lógica, a torcida tornou-se um local de risco. A competitividade, a exigência da vitória e a seriedade dada ao jogo por seus praticantes também teriam rumado para as arquibancadas. Segundo esse argumento, a ocorrência de eventos violentos seria maior em países pobres ou em crises econômicas, pois os jovens não teriam acesso a uma vida digna. “As ações racistas e homofóbicas... recorrentes no futebol... não são questões de exclusão econômica, de pauperização. Na maioria das vezes os participantes desse tipo de discurso e prática violentos são brancos e originários das classes médias altas” (RIBEIRO, 2007, p. 60). Um argumento um tanto conservador aponta que mesmo os jovens de famílias abastadas estariam sofrendo com a desestruturação da família e a torcida de futebol seria um local adequado para a identificação não atingida em outras esferas sociais¹⁰.

Existe um constante esforço por parte dos jornalistas esportivos e de alguns pesquisadores acadêmicos em separar o que seria violência simbólica¹¹ de violência “real”. Essa separação pode ser conceitualmente lida da seguinte forma: “a violência real, que é perceptível pelas agressões físicas de contato, enquanto a violência simbólica é visível pelas agressões verbais e/ou gestuais” (REIS, 2005, p. 114)¹². Entendemos que essa divisão é bastante tênue, pois temos grande dificuldade em hierarquizar diferentes tipos de agressões, especialmente quando essas agressões são dirigidas a outrem. Parece-nos que em diversas narrativas sobre os confrontos entre torcedores existe certa tolerância quando esses acontecem através dos

⁹ Sobre a mudança do perfil dos torcedores cf. DAMO, 2006.

¹⁰ Cf. REIS, 2005.

¹¹ Na Argentina, o programa televisivo *El aguante* mostrava os cânticos da torcida com referências homofóbicas, racistas e xenófobas. Porém, “la cláusula del humor es el dispositivo que garantiza que en la representación estos intercambios sean simples bromas, un mero ejercicio lúdico (SALERNO, 2005, p. 137).

¹² Heloisa Reis não parece estar utilizando a expressão “violência simbólica” tal como Bourdieu a empregou, isto é, “o ato pelo qual os grupos dominantes impõem – como se fosse universal – sua cultura particular sobre os grupos dominados, ocultando que na origem desta imposição está um ato de força, ou seja, de violência propriamente dita” (SILVA, 2000, p. 111).

cânticos¹³ e xingamentos. Mas os confrontos físicos são absolutamente rechaçados.

Acreditamos que essa distinção seja um tanto equivocada e perigosa. Ela faz uma clara seleção de quais violências importam. Dizer que um coletivo como um “nós” atores do espetáculo futebolístico toleram essas manifestações é quase leviano. “Nenhum ‘nós’ deveria ser aceito como algo fora de dúvida, quando se trata de olhar a dor dos outros” (SONTAG, 2003, p. 12). Podemos supor que essa lógica permite identificar quais populações são mais importantes que outras nesse contexto, uma vez que a chamada “violência simbólica” é dirigida a grupos bastante específicos de sujeitos, “algunas poblaciones estén más expuestas que otras a una violencia arbitraria” (BUTLER, 2009, p. 14). Poderíamos, a partir dessa interpretação, ignorar os problemas de homofobia dirigidos as torcidas *queer*, ao jogador Emerson Sheik e ao fundador da Gaivotas Fiéis. As sexualidades desviantes no futebol parecem não importar.

Apesar da potência que o conceito bourdiano de violência simbólica adquire, preferimos trabalhar com uma distinção diferente. Ao invés de separar (e automaticamente hierarquizar) as violências entre “real” e “simbólica”, utilizamos os termos violência física e verbal por acreditar que a hierarquia seja um tanto menor. As duas manifestações são violentas. Elas apenas utilizam elementos diferentes em sua expressão.

Podemos entender que a homofobia nos estádios de futebol está associada a violência estrutural, que seriam as formas de violência que atravessam e constituem a intimidade dos indivíduos (SEFFNER, 2004). Por sua atuação constante, essas formas de violência poderão ser “naturalizadas” e, em consequência, dificilmente serão nomeadas como

¹³ “A violência simbólica envolve apenas atitudes verbais e/ou gestuais, sendo que normalmente ela é emocionalmente satisfatória e agradável, produzindo até mesmo um efeito catártico no indivíduo. A violência afetiva é aquela em que os indivíduos se manifestam com o intuito de demonstrar seus sentimentos e de liberar a energia provocada pela tensão causada pela ansiedade da partida e pela expectativa do resultado. Ela é socialmente aceita e, nos estádios de futebol, pode ser observada a partir dos gestos e gritos realizados pelos torcedores e de algumas canções e hinos cantados por eles” (REIS, 2005, p. 112).

violentas. A violência é produzida na cultura e seus diferentes significados são construídos em um terreno de lutas por significação.

Os estádios de futebol se produziram historicamente como um *locus* privilegiado para a socialização masculina. Nos estádios os sujeitos se inscrevem em uma comunidade afetiva e masculina. Arlei Damo classifica o espetáculo futebolístico como um

(...) processo ritual, de homosociabilidade masculina, tão intensa e carregada de afetividade que a condição de heterossexuais dominadores tem de ser afirmada e reafirmada, a caminho e depois dentro do estádio; uma modalidade de afirmação dada pelo ângulo da aversão aos outros (2005, p. 395).

As masculinidades mais valorizadas nos estádios de futebol se associam com alguns atributos como a coragem e a virilidade componentes comuns de representações de masculinidades heroicas e esportivas (BANDEIRA, 2009). Essa relação entre afetividade, coragem, virilidade e a presença de público primordialmente masculina, permite que as torcidas proporcionem que grupos de homens disputem valores masculinos, uma vez que “la virtud más importante para un verdadero hombre es defender su valor ante otros hombres” (ARCHETTI, 2003, p. 210). Uma das preocupações sobre os grupos masculinos e as torcidas de futebol é a potencialidade de socialização violenta existente. Essa preocupação ganha corpo e legitimidade quando pensamos que ela opera em uma lógica de socialização que aponta para características de virilidade, homofobia, sexismo, machismo, competitividade e outros. Essas características podem exigir que demonstrações violentas sejam utilizadas como marcador de inteligibilidade dos sujeitos.

Nas torcidas de futebol, esses comportamentos violentos ou agressivos podem acontecer entre diferentes grupos de homens heterossexuais (duas torcidas adversárias, por exemplo), mas também aparecem contra uma espécie de coletivo de “outros” sujeitos, especialmente homens não heterossexuais. A preocupação em relação a essa socialização masculina aumenta quando essa aversão aos homossexuais

é valorizada sendo entendida como desejável nessa socialização. Se a violência física tende a ser praticada eventualmente, a violência verbal é uma constante nos espetáculos futebolísticos.

Os diferentes conteúdos ensinados ou aprendidos pelas masculinidades dos torcedores de futebol se dão dentro de um contexto heteronormativo de nossa cultura. A heteronormatividade pode ser entendida como um amplo sistema de relações de poder vinculadas a práticas e instituições que colocam a heterossexualidade como a norma em nossa cultura. Ela funciona como uma categoria que atravessa a cultura com implicações nas vidas dos sujeitos. A heteronormatividade, além de produzir uma hierarquia entre hetero/homossexuais, também produz formas hegemônicas e subalternas entre os heterossexuais (JACKSON, 2005). A partir da heteronormatividade passamos a supor que a maioria das pessoas tem desejo e atração pelo sexo oposto. Essa lógica permite estabelecer que tipo de ação poderá ser considerada ofensiva ou não ofensiva. Dentro dessa lógica a agressão verbal dirigida aos homossexuais poderá ser entendida como não violenta.

A homofobia desafiada e as próximas partidas

“Sempre se pode dizer que há todas as razões para o pessimismo, menos uma, ou meia: que *o jogo só acaba quando termina*, como se diz na gíria futebolística, e que ninguém está em posição de dominar todas as suas variáveis” (WISNIK, 2008, p. 428, destaques do autor). Em 30 de outubro de 2007 o Brasil foi confirmado como o país sede para a Copa do Mundo da Fifa, edição de 2014. Naquela data o Brasil recebia a honra, a distinção, o direito, mas principalmente o dever de realizar a Copa do Mundo masculina de futebol da Fifa. Inúmeras obras precisariam ocorrer em diferentes esferas para que o país se adequasse ao padrão exigido pela dona do evento. O chamado “padrão Fifa” passaria a se configurar em uma obsessão dos dirigentes brasileiros em diferentes âmbitos. Junto com a Copa do Mundo, o

“padrão Fifa” e as novas arenas, diferentes narrativas passaram a ganhar espaço nas discursividades sobre futebol no Brasil.

Essas novas arenas tendem a inserir os frequentadores de seus espaços em espetacularidades diferentes das que existiam nos velhos estádios. Qualquer previsão sobre o futuro é uma aposta quase sempre marcada pela perspectiva de mundo ou de futebol daqueles que estiverem dispostos a apostar. Diferentes atores envolvidos com o futebol de espetáculo de diferentes perspectivas concordam que teremos uma mudança de comportamento dos torcedores. Dentro desses novos comportamentos, parece produtivo questionar como as masculinidades serão atravessadas por esse novo cenário.

Ao mesmo tempo em que se produz uma elitização das praças esportivas quase sempre utilizando os critérios de segurança e conforto como justificativa para esse processo bastante excludente, essas alterações têm permitido, também, novas discursividades sobre gênero, sexualidade e raça/etnia no espaço dos torcedores de futebol. Novas questões parecem estar sendo colocadas.

A homofobia parece ser uma das novas preocupações dos locais que servirão de “legado” para os torcedores de futebol no Brasil. Essas novas discursividades podem apresentar, inclusive, uma nova forma de violência para os espetáculos esportivos. Como em qualquer contexto cultural, algumas violências parecem ser mais violentas que outras¹⁴. A violência é produzida na cultura e seus diferentes significados são construídos em um terreno de lutas por significação. A possibilidade de descrição da homofobia como uma violência, curiosamente, pode servir para democratizar o espaço futebolístico. A construção de desigualdades e diferenças entre masculinidades é uma forma de violência. Algumas masculinidades parecem ser mais humanas do que outras. “Algunos humanos dan por supuesta su humanidad, mientras que otros luchan por poder acceder a ella. (...) unos humanos se cualifican como humanos y otros

¹⁴ “O aspecto social da conceituação de violência refere-se a que, em um grupo social, alguns vão nomear como violência algo que outros poderão considerar como corriqueiro ou não violento, isso na dependência de fatores culturais” (SEFFNER, 2004, p. 89).

no se cualifican como tales” (BUTLER, 2010, p. 112). Nos estádios as principais manifestações de homofobia se dão na forma de violência verbal. Porém, essa violência acaba constituindo de forma bastante significativa o que podemos chamar de currículo de masculinidades dos torcedores de futebol (BANDEIRA, 2010).

O futebol é uma das poucas instâncias em nossa cultura que permitem ou possibilitam a formação de comunidades afetivas masculinas. No mesmo contexto em que se ressaltam a virilidade, que se exercem manifestações de violência verbal e uma constante promessa de violência física, se cantam afetos e amores nem sempre permitidos em outros locais da cultura. Outra possibilidade de rasura dessa masculinidade hegemônica pode ser visualizada na grande possibilidade de contatos físicos entre os torcedores. Saltos abraçados, a exposição de determinados corpos sem camiseta (especialmente, jovens, musculosos e sem pelos), os abraços aos “desconhecidos” na hora do gol...

Talvez resida justamente nessas pequenas transgressões da masculinidade hegemônica a necessidade urgente de se reforçar a condição de heterossexuais e homofóbicos. Em alguma medida, essa condição constantemente reforçada permite uma maior “garantia” em relação aos comportamentos. A identidade sexual precisa estar resolvida para que as, eventuais, práticas não normativas não atravessem as construções dessas identidades.

Poderíamos entender que o ano da Copa do Mundo da Fifa no Brasil inicia com uma violência a mais do que o ano anterior. Se acreditarmos que a emergência da homofobia eclodiu somente a partir de agora, através das manifestações que pregam o respeito às diversidades sexuais, sim. Porém, se o que ocorreu foi uma explicitação dessas manifestações, uma retirada do preconceito da “normalidade” dos estádios de futebol, podemos acreditar que a entrada da homofobia na pauta de discussões sobre o esporte pode ser um primeiro, e tímido, passo para o enfrentamento das diversidades sexuais nos esportes em geral e no futebol em específico.

Certamente a homofobia não é originada no futebol. Ela aparece na instituição escolar, nas igrejas, na restrição de direitos civis, nas violências verbal e física... Gostaríamos, porém, dada a importância que o futebol possui como manifestação cultural no Brasil e no mundo, de apostar que alguma forma de resistência a essa violência estrutural possa aparecer via esse esporte. Por ser uma aposta, não temos a garantia do resultado. Dentro da cultura heteronormativa do futebol ter essas fichas sobre a mesa pode ser entendido como uma primeira vitória.

Recebido em 15.01.2014
Aprovado em 17.05.2014